

AULA 05

Pr. Carlos Elias de Souza Santos

MINISTÉRIO DE
EDUCAÇÃO CRISTÃ
ESCOLA BÍBLICA
DOMINICAL



Últimas Coisas

O JUÍZO FINAL E O CASTIGO ETERNO

Quem será julgado?

Que é o inferno?

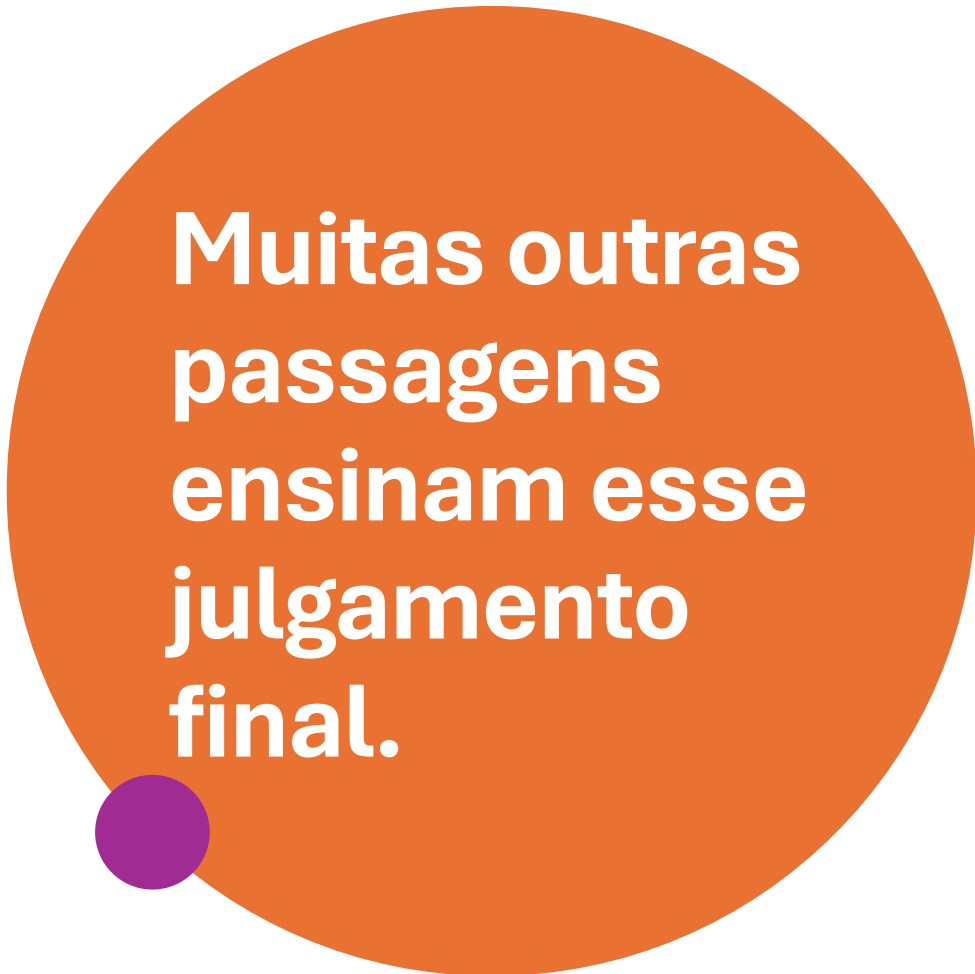
A. O FATO DO JUÍZO FINAL

- **Provas bíblicas de um juízo final. As Escrituras afirmam o fato de que haverá um grande julgamento final de crentes e incrédulos. Eles ficarão de pé diante do trono de julgamento de Cristo em seu corpo ressurreto e ouvirão a proclamação do seu destino eterno.**



O juízo final é descrito com grande vivacidade na visão de João em Apocalipse:

- “Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo” (Ap 20.11–15).



**Muitas outras
passagens
ensinam esse
julgamento
final.**

- Paulo diz aos filósofos gregos em Atenas que Deus “agora [...] notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (At 17.30–31). De modo semelhante, Paulo fala sobre “o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus” (Rm 2.5). Outras passagens falam de modo claro sobre um dia vindouro de julgamento (veja Mt 10.15; 11.22, 24; 12.36; 25.31–46; 1Co 4.5; Hb 6.2; 2Pe 2.4; Jd 6; et al.).

2. HAVERÁ MAIS DE UM JULGAMENTO?

De acordo com a posição dispensacionalista, há mais de um julgamento que está por vir. Por exemplo, os dispensacionalistas não vêem o juízo final em Mateus 25.31–46:

- Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; [...] sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; [...] sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna. (Mt 25. 31-46).

PERSPECTIVA DISPENSACIONALISTA

- Da perspectiva DISPENSACIONALISTA, essa passagem não se refere ao juízo final (o “grande trono branco” mencionado em Ap 20.11–15), mas sim a um julgamento posterior à tribulação e anterior ao início do milênio. Dizem que este será um “julgamento das nações” em que elas serão julgadas de acordo com o modo pelo qual tiverem tratado o povo judeu durante a tribulação. As que tiverem tratado bem os judeus e estiverem dispostas a se submeterem a Cristo entrarão no milênio, e as que não tiverem terão negada a entrada.

NA VISÃO DISPENSACIONALISTA HÁ DIFERENTES JULGAMENTOS:

- (a) o “julgamento das nações” (Mt 25.31–46) para determinar quem entra no milênio;**
- (b) o “julgamento das obras dos crentes” (às vezes chamado julgamento bēma por causa da palavra grega traduzida por “tribunal” em 2Co 5.10), em que os cristãos receberão galardões em diferentes níveis, e**
- (c) o “julgamento do grande trono branco” ao final do milênio (Ap 20.11–15), para declarar o castigo eterno para os incrédulos.**



B. O TEMPO DO JUÍZO FINAL

- O juízo final ocorrerá depois do milênio e da rebelião que ocorre no final desse período. Em Apocalipse 20.1–6 João descreve o reino milenar e a retirada de Satanás da posição em que pode exercer influência sobre a terra (veja a discussão nos dois capítulos anteriores) e então diz: “Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a seduzir as nações [...] a fim de reuni-las para a peleja” (Ap 20.7–8). João diz que, depois de Deus vencer essa rebelião final de maneira decisiva (Ap 20.9–10), virá o julgamento: “Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta” (v. 11).



C. A NATUREZA DO JUÍZO FINAL

1. Jesus Cristo será o juiz.

2. Os incrédulos serão julgados

3. Os crentes serão julgados

4. Os anjos serão julgados

5. Ajudaremos no trabalho de julgamento.

D. A NECESSIDADE DO JUÍZO FINAL

- **Já que ao morrer os crentes passam imediatamente para a presença de Deus, e os incrédulos para o estado em que são separados de Deus e submetidos ao castigo, podemos perguntar POR QUE Deus estabeleceu um momento de juízo final. Berkhof observa de maneira sábia que o juízo final não tem o propósito de permitir que Deus descubra a condição de nosso coração ou o padrão de conduta de nossa vida, pois ele já os conhece nos mínimos detalhes. Berkhof diz antes sobre o juízo final:**
-



Louis Berkhof

- Seu propósito [juízo final] é, antes, expor diante de todas as criaturas racionais a glória declarativa de Deus num ato formal e forense que engrandecerá, por um lado, a Sua santidade e justiça, e, por outro lado, a Sua graça e misericórdia. Além disso, devemos ter em mente que o juízo do último dia será diferente, em mais de um aspecto, daquele que ocorre na morte de cada indivíduo. Não será secreto, mas público; não dirá respeito somente à alma, mas também ao corpo; não se referirá apenas a um único indivíduo, mas sim a todos os homens.

E. A JUSTIÇA DE DEUS NO JUÍZO FINAL

- **As Escrituras afirmam de modo claro que Deus será inteiramente justo e ninguém será capaz de reclamar contra ele naquele dia. Deus é “aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um” (1Pe 1.17), e para ele “não há acepção de pessoas” (Rm 2.11; compare Cl 3.25). Por essa razão, no último dia “toda boca” se calará e todo o mundo será “culpável perante Deus” (Rm 3.19), sem que ninguém seja capaz de reclamar que Deus o tratou de maneira injusta.**

E. A JUSTIÇA DE DEUS NO JUÍZO FINAL

- De fato, uma das grandes bênçãos do juízo final será o fato de que os santos e os anjos verão a justiça de Deus absolutamente pura demonstrada em milhões de vidas, e isso será fonte de louvor a ele por toda a eternidade. No momento do julgamento da perversa Babilônia, haverá grande louvor no céu, pois João diz: “Depois destas coisas, ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos” (Ap 19.1–2).

F. APLICAÇÃO MORAL DO JUÍZO FINAL

- **1. A DOUTRINA DO JUÍZO FINAL SATISFAZ NOSSO SENSO INTERIOR DE NECESSIDADE DE JUSTIÇA NO MUNDO.**
- O fato de que haverá um juízo final assegura-nos que em última análise o universo de Deus é justo, pois Deus está no controle, mantém registros precisos e administra julgamento justo. Quando Paulo diz a escravos que sejam submissos aos seus senhores, assegura-lhes: “... pois aquele que faz injustiça receberá em troca a injustiça feita; e nisto não há acepção de pessoas” (Cl 3.25). Quando a descrição de um juízo final menciona o fato de que “se abrirem livros” (Ap 20.12; compare Mt 3.16), lembra-nos (não importa se os livros são literais ou simbólicos) de que Deus mantém um registro permanente e exato de todas as nossas ações, e por fim todas as contas serão acertadas e tudo ficará ajustado.

F. APLICAÇÃO MORAL DO JUÍZO FINAL

- **2. A DOUTRINA DO JUÍZO FINAL CAPACITA-NOS A PERDOAR AOS OUTROS LIVREMENTE.**
- Percebemos que não cabe a nós vingar-nos dos que nos ofenderam, ou mesmo desejar fazê-lo, porque Deus reservou esse direito para si mesmo. “Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor” (Rm 12.19). Dessa maneira, sempre que formos ofendidos, podemos entregar nas mãos de Deus qualquer desejo de causar dano ou de pagar com a mesma moeda à pessoa que nos ofendeu, sabendo que toda ofensa no universo terá retribuição no final — ou ela acabará sendo considerada paga por Cristo quando ele morreu na cruz (se o ofensor tornar-se cristão) ou será paga no juízo final (no caso daqueles que não aceitarem Cristo).

F. APLICAÇÃO MORAL DO JUÍZO FINAL

- **3. A DOUTRINA DO JUÍZO FINAL CONSTITUI MOTIVO PARA UMA VIDA JUSTA.**
- Para os cristãos, o juízo final é um incentivo para fidelidade e boas obras, não como meio de conseguir o perdão dos pecados, mas como meio de alcançar maior galardão eterno. Este é um motivo saudável e bom para nós — Jesus nos diz: “ajuntai para vós outros tesouros no céu” (Mt 6.20) — embora isso vá contra o pensamento popular de nossa cultura secular, cultura que não acredita realmente no céu nem em recompensas eternas.

F. APLICAÇÃO MORAL DO JUÍZO FINAL

- **4. A DOUTRINA DO JUÍZO FINAL CONSTITUI GRANDE MOTIVAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO.**
- As decisões tomadas por pessoas nesta vida afetarão seu destino por toda a eternidade, e é justo que nosso coração sinta e nossa boca ecoe a emoção com que de Deus lança o apelo por intermédio de Ezequiel: “Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?” (Ez 33.11). Na verdade, Pedro indica que a demora na volta do Senhor deve-se ao fato de que Deus está sendo paciente conosco, “não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe 3.9).

G.O INFERNO

- É apropriado discutir **A DOUTRINA DO INFERNO** juntamente com a doutrina do juízo final. Podemos definir o inferno como segue: O inferno é lugar de castigo eterno e consciente para o ímpio. As Escrituras ensinam em várias passagens que existe tal lugar. No final da parábola dos talentos, o senhor diz: “E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 25.30). Esta é uma das várias indicações de que haverá consciência do castigo após o juízo final. De modo semelhante, o rei dirá a alguns no julgamento: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41), e Jesus diz que essas pessoas assim condenadas irão “para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” (Mt 25.46). Nesse texto, o paralelo entre “vida eterna” e “castigo eterno” indica que ambos os estados não terão fim.



O INFERNO

Jesus refere-se ao inferno como “o fogo inextinguível” (Mc 9.43) e diz que o inferno é um lugar “onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga” (Mc 9.48). A história do rico e Lázaro também indica uma consciência horrível de castigo:

“Morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama”. (Lc 16.22–24).

TORMENTO

- Ele então pede a Abraão que envie Lázaro à casa de seu pai, dizendo: “... porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este **LUGAR DE TORMENTO**” (Lc 16.28).
- Quando nos voltamos para Apocalipse, as descrições desse castigo eterno também são bem explícitas:
- Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome (Ap 14.9–11).

LAGO DE FOGO E ENXOFRE

- **(Ap 14.9–11) - Essa passagem afirma de modo claro a idéia de CASTIGO ETERNO e consciente dos incrédulos.**
- **Com respeito ao julgamento sobre a cidade iníqua de Babilônia, uma grande multidão no céu clama: “Aleluia! E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos” (Ap 19.3). Depois que a rebelião final de Satanás é esmagada, lemos: “O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do LAGO DE FOGO E ENXOFRE, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos” (Ap 20.10). Essa passagem é significativa também em associação com Mateus 25.41, em que os incrédulos são enviados “para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos”. Esses versículos devem fazer-nos perceber a imensidão do mal que há no pecado e na rebelião contra Deus, e a magnitude da santidade e da justiça de Deus que trazem à tona esse tipo de julgamento.**

ANIQUELACIONISMO

-
- A idéia de que haverá castigo eterno e consciente dos incrédulos tem sido negada recentemente até mesmo por alguns teólogos evangélicos. Antes disso, já tinha sido negada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e por vários indivíduos ao longo da história da igreja. Com freqüência aqueles que negam o castigo eterno e consciente defendem o **“ANIQUELACIONISMO”**, um ensino segundo o qual, depois que os ímpios tiverem sofrido a pena imposta pela ira de Deus por um tempo, Deus irá “aniquilá-los” de modo que não mais existirão. Muitos dos que acreditam no aniquelacionismo também defendem a realidade do juízo final e do castigo para o pecado, mas alegam que depois de os pecadores sofrerem por certo período a ira de Deus contra seus pecados, deixarão por completo de existir. O castigo será, portanto, “consciente”, mas não “eterno”.

OS ARGUMENTOS APRESENTADOS A FAVOR DO ANIQUILACIONISMO SÃO:

-
- (1) as referências bíblicas à destruição dos ímpios, que, segundo alguns, implicam que eles não existirão mais depois de serem destruídos (Fp 3.19, BLH; 1Ts 5.3; 2Ts 1.9; 2Pe 3.7; et al.);
 - (2) a aparente incoerência do castigo eterno e consciente com o amor de Deus;
 - (3) a aparente injustiça envolvida na desproporção entre pecados cometidos no tempo e o castigo que é eterno; e (4) o fato de que a presença contínua de criaturas más no universo de Deus prejudicará eternamente a perfeição de um universo criado para refletir a glória divina.

DESTRUIÇÃO ≠ CESSAÇÃO DA EXISTÊNCIA

- **Em resposta, deve-se observar que as passagens que falam de DESTRUIÇÃO (tais como Fp 3.19, BLH; 1Ts 5.3; 2Ts 1.9; e 2Pe 3.7) NÃO IMPLICAM NECESSARIAMENTE A CESSAÇÃO DA EXISTÊNCIA, pois os termos traduzidos por “destruição” nesses textos nem sempre significam o ato de deixar de existir ou alguma espécie de aniquilação e podem ser apenas maneiras de se referir a efeitos nocivos e destrutivos do juízo final sobre os incrédulos.**

AMOR DE DEUS X CASTIGO ETERNO

-
- Com respeito ao argumento baseado no amor de Deus, a mesma dificuldade em harmonizar o seu amor com o seu castigo eterno parece estar presente na harmonização do amor de Deus com qualquer idéia de castigo divino; e, no sentido inverso, se (como as Escrituras testemunham de modo abundante) Deus é coerente ao punir os ímpios durante certo tempo após o juízo final, então não parece haver nenhuma razão necessária pela qual Deus seria incoerente ao infligir o mesmo castigo por um período interminável.

PRÓXIMA AULA

AULA 06 – O ESTADO FINAL

A. O Estado Final dos Ímpios

Há especialmente três pontos que requerem consideração aqui:

1. O LUGAR PARA O QUAL OS ÍMPIOS SERÃO ENVIADOS.

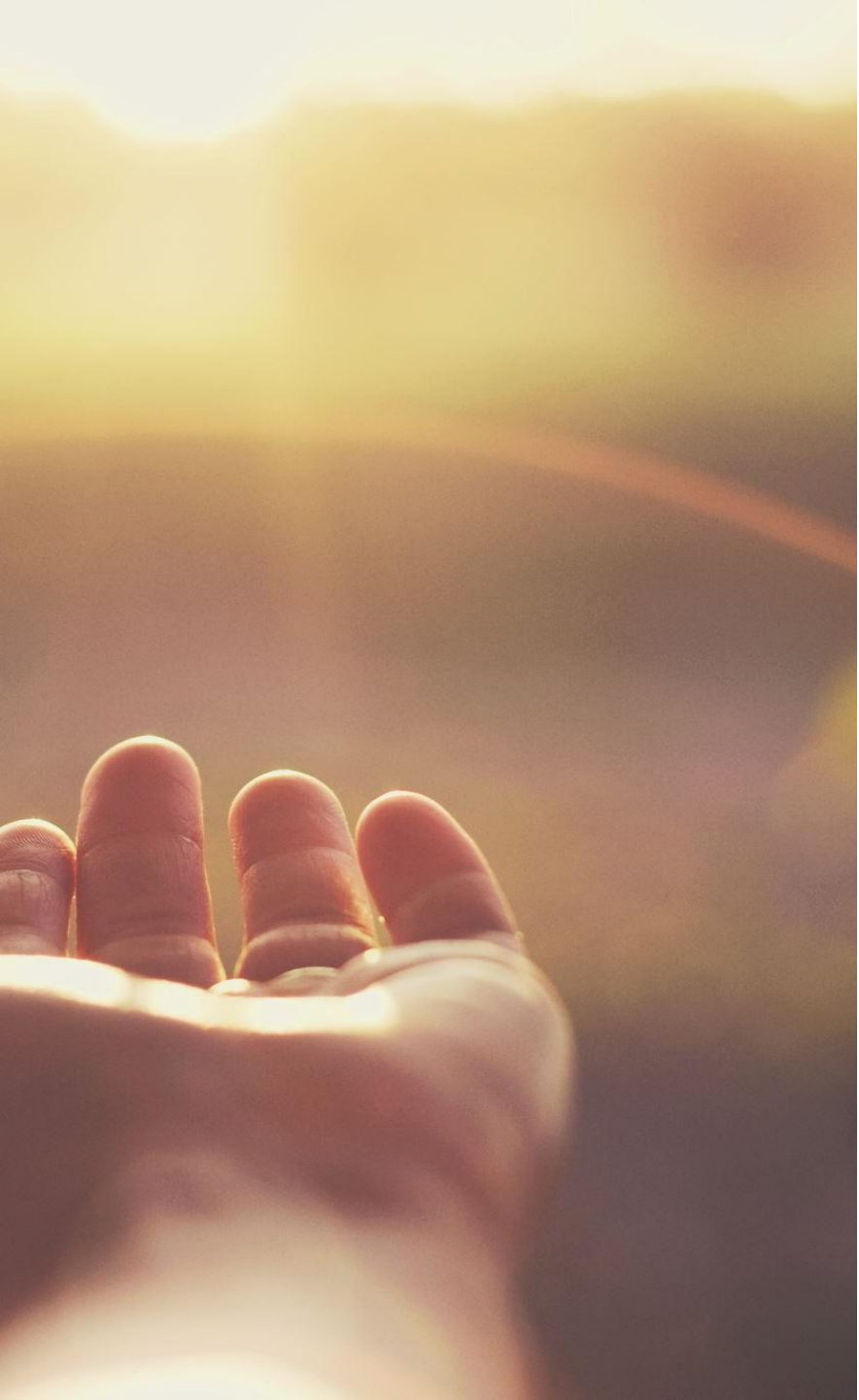
2. O ESTADO NO QUAL CONTINUARÃO SUA EXISTÊNCIA.

3. DURAÇÃO DA SUA PUNIÇÃO.

B. O Estado Final dos Justos

1. A NOVA CRIAÇÃO.

**2. A HABITAÇÃO
ETERNA DOS JUSTOS**



AULA 07 - A RESSURREIÇÃO

- Por ressurreição não se tem em mente a existência contínua da alma depois da morte. O fato de que os saduceus, nos dias de Cristo, e contra os quais se dirige a maioria dos argumentos do Novo Testamento em favor da doutrina da ressurreição, não só negavam esta doutrina, mas a existência contínua da alma depois da morte, explica suficientemente as Escrituras combinarem ambas as questões.

A RESSURREIÇÃO

- **Os Corpos Humanos Ressuscitarão**
- Tal fato é negado, primeiramente, por aqueles que tomam a palavra ressurreição em sentido figurado, expressando o erguer da alma da morte espiritual para a vida espiritual. Disse Marta a nosso Senhor, diante do túmulo de Lázaro: “Eu sei que ele ressuscitará na ressurreição do último dia”. Ao que nosso Senhor, segundo Mr. Alger, replica substancialmente: “Presumes que no último dia o Messias restaurará os mortos novamente à vida sobre a terra. Eu sou o Messias e, portanto, os últimos dias já chegaram. Eu sou comissionado pelo Pai para outorgar vida eterna a todos quantos crêem em mim; mas não da maneira que tens antecipado. A verdadeira ressurreição não significa chamar o corpo do túmulo, mas abrir as fontes da vida eterna na alma.
- **A Natureza do Corpo da Ressurreição**

**ÚLTIMA
AULA**

*Encerramento
do Bimestre*





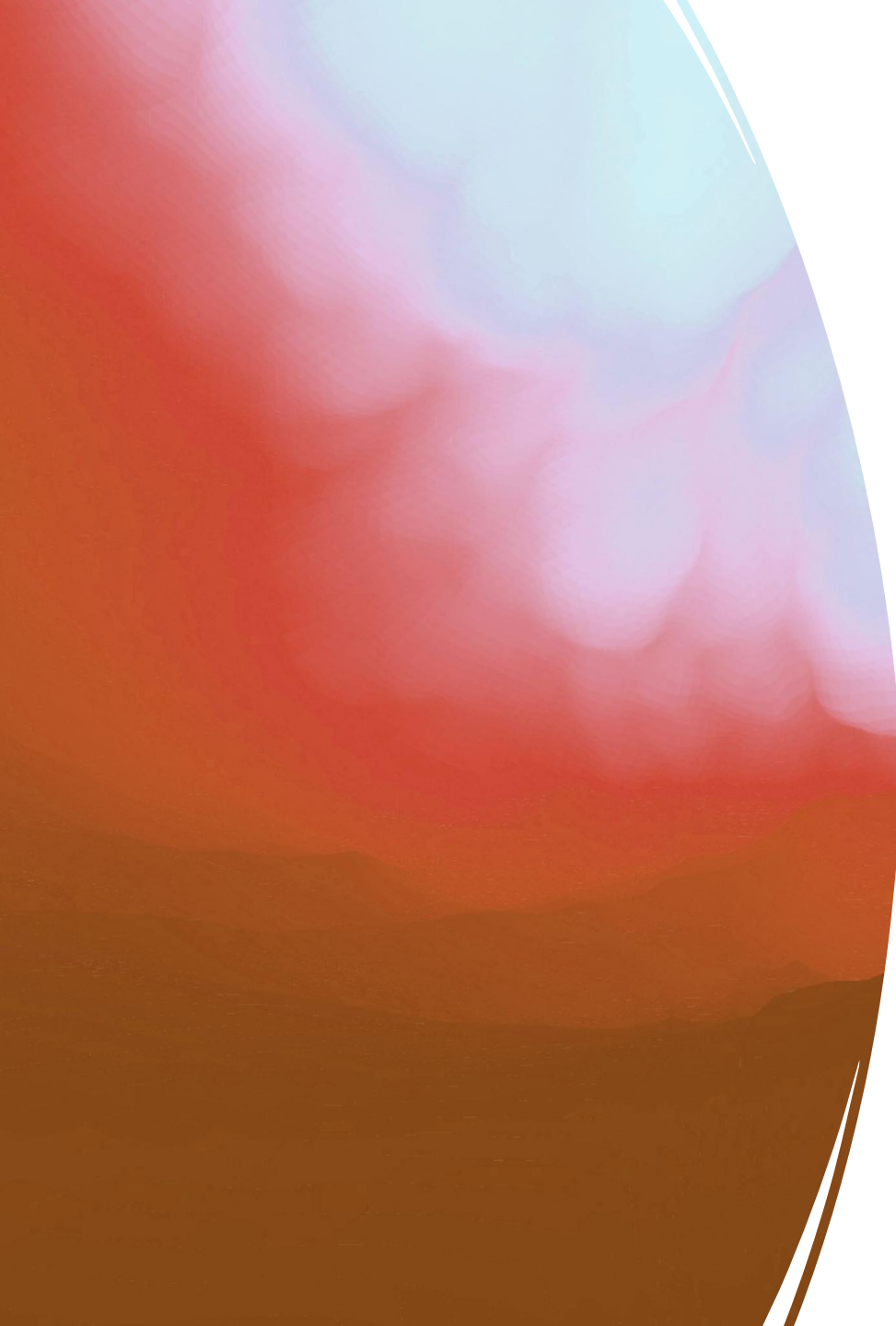
AULA 08 - O Novo Céu e a Nova Terra

- **QUE É O CÉU? É UM LUGAR? COMO A TERRA SERÁ RENOVADA? COMO SERÁ A VIDA NO NOVO CÉU E NA NOVA TERRA?**
- Após o juízo final, os crentes entrarão para sempre no pleno gozo da vida na presença de Deus. Jesus nos dirá: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25.34). Entraremos em um reino onde “nunca mais haverá qualquer maldição. Nela [na nova Jerusalém], estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão” (Ap 22.3).



1. Que é o céu?

- Na era presente, o lugar em que Deus habita é freqüentemente chamado “céu” nas Escrituras. O Senhor diz “o céu é o meu trono” (Is 66.1) e Jesus nos ensina a orar “Pai nosso, que estás nos céus” (Mt 6.9). Jesus agora, “depois de ir para o céu, está à destra de Deus” (1Pe 3.22). De fato, o céu pode ser definido da seguinte maneira: Céu é o lugar em que Deus torna conhecida da forma mais completa a sua presença para abençoar.



2. A criação física será renovada e continuaremos a existir e atuar nela.

- Além de um céu renovado, Deus fará uma “nova terra” (2Pe 3.13; Ap 21.1). Várias passagens indicam que a criação física será renovada de forma expressiva. “A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.19–21).



3. Nosso corpo ressurreto fará parte da nova criação.

- No novo céu e na nova terra, haverá lugar e atividades para nosso corpo ressurreto, que nunca envelhecerá nem se enfraquecerá nem adoecerá. Uma forte consideração a favor desse ponto de vista é o fato de que Deus fez a criação física original muito boa (Gn 1.31).



B. A DOCTRINA DA NOVA CRIAÇÃO DÁ GRANDE MOTIVAÇÃO PARA ACUMULAR TESOUROS NO CÉU E NÃO NA TERRA

Quando consideramos o fato de que a presente criação é temporária e que nossa vida na nova criação durará por toda a eternidade, temos uma forte motivação para viver de maneira piedosa, acumulando tesouros no céu. Refletindo sobre o fato de que o céu e a terra serão destruídos, Pedro diz o seguinte:

Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça (2Pe 3.11–13).